

Coro

Casa da Música

Nacho Rodriguez direção musical

13 out 2024 · 18:00 Sala Suggia



casa da música



Entrevista a Nacho Rodríguez

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION



Alejandro Yagüe

Utrum Sidera,
para coro tripla (1986)

Vasco Negreiros

Caritas abundat,
para coro misto *a cappella* (2015)

Alejandro Yagüe

Seis Canciones de Anochecer,
para coro a doze vozes (2003)

1. Horizonte
2. Pescadores
3. Solitario
4. Delirio
5. Memento
6. Última Luz

António Pinho Vargas

De Profundis,
para coro misto *a cappella* (2014-15)

1. De profundis
2. Domine
3. Si iniquitates
4. Quia apud
5. Sustinuit
6. Speravit
7. A custodia matutina
8. Quia apud Dominum
9. Et ipse redimet

Alejandro Yagüe

Estépar — Cantus Firmus n.º 7,
para três coros mistos (2002)

Sérgio Azevedo

Cinco Canções Regionais Portuguesas,
para coro misto *a cappella* (1997)

1. Chamarrita (Açores)
2. Tirana (Pico)
3. Eu venho da macelada (Beira Baixa)
4. Tascadeiras do meu linho (Vila Viçosa)
5. Na haste do castanheiro (?)

Alejandro Yagüe

Spanish Folk Songs n.º 5 (1999)

1. Esta noche
2. A tu puerta
3. Ya viene San Juan

Textos originais e traduções nas páginas 8 a 16.

Duração aproximada: 1 hora sem intervalo.

Alejandro Yagüe

BURGOS, 1947 – BURGOS, 2017

Conheci Alejandro Yagüe quando ele era professor de Composição no Conservatório de Salamanca, onde me formei entre 1990 e 1998, e desde então mantivemo-nos em contacto. Naquela altura, era ainda um compositor conhecido apenas no mundo coral espanhol, que experimentava uma importante revolução e renovação pelas mãos de Javier Busto e Julio Domínguez, e nos círculos que se foram formando em seu redor em diferentes concursos e cursos de formação na Galiza e no País Basco. Entretanto, na Catalunha, era a relação com França que marcava, em boa medida, a senda de renovação.

Foram anos intensos, em que surgiram inúmeros agrupamentos e maestros, e em que boa parte das influências provinha do mundo escandinavo — com o enorme Eric Ericsson à cabeça. Uma intensidade que se vivia tanto no trabalho coral propriamente dito, como no gosto da nova geração de compositores que estava a aparecer, na sua maioria compositores-maestros, que conheciam em primeira mão o meio para o qual escreviam.

No entanto, como se imagina, havia mais autores produzindo repertório interessante fora dessas influências ou, pelo menos, tratando-as de um modo mais pessoal, embora em muitos casos se mantivessem em segundo plano.

As primeiras peças corais de Alejandro Yagüe datam dos anos 1981 a 1983, e caracterizam-se já por algo que será uma das suas principais marcas: a escrita a vários coros. Fugindo da atonalidade, tanto pela sua sensibilidade e personalidade musical, como porque entendia perfeitamente como era o mundo coral amador e mesmo o meio profissional da época, a sua identidade baseava-se no uso da

espacialidade e, sobretudo, das densidades de texturas. Trata-se dos seus primeiros *Cantus Firmus*, um conjunto de peças que continuaria a alimentar com novas incorporações, nas quais trabalhava, como sugere a designação, a partir da elaboração de texturas sobre elementos pré-existentes, melódicos ou simplesmente textuais, habitualmente vários, diferentes e combinados com imaginação.

É esse também o caso — embora não o tenha incluído na referida denominação — da primeira peça deste concerto, *Utrum Sidera*, composta em 1986 por encomenda da Semana de Música Religiosa da sua Burgos natal (cidade e província às quais permaneceu enormemente ligado durante toda a vida).

Enlaçando com outra das suas características pessoais — o esmero com que escolhia os textos —, recorre aqui a fragmentos do *Livro sobre a natureza das coisas* de Santo Isidoro de Sevilha. Nestes fragmentos, aquele que é considerado o último dos Padres da Igreja fixa-se nas revoluções dos astros, que o induzem a perguntar-se se respiram e têm alma e, se assim for, que será deles no momento da ressurreição.

Esta passagem peculiar é posta em música de maneira magistral pelo nosso autor, jogando com *ostinatos* de desenhos circulares que se vão, pouco a pouco, modificando enquanto se movem sem cessar entre as várias vozes. O coro é fragmentado em três grupos, com pequenos elementos melódicos distribuídos ritmicamente entre os diferentes conjuntos, criando uma aparência de mobilidade contínua e densa, mas dentro de uma superfície que muda lentamente, quase como o movimento estelar dentro dos confins de uma galáxia. Lembra inevitavelmente as micropolifonias de György Ligeti na sua *Lux Æterna*, embora com um conceito tonal claramente diferente.

Mas a ideia do programa que hoje apresentamos, mais do que uma pequena mostra de peças significativas de Alejandro Yagüe, é promover o diálogo destas composições com as de músicos portugueses — não necessariamente da mesma geração, mas que foram contemporâneos de Yagüe em algum momento das suas vidas. Assim se coloca este *Utrum Sidera* junto de **Caritas abundant**, do meu também professor e querido amigo Vasco Negreiros, que partilha com a obra anterior o facto de estar baseada num texto latino de outro escritor fundamental da Igreja Católica medieval — Hildegard von Bingen —, bem como o uso de elementos melódicos oscilantes para criar a textura sonora.

Segue-se uma das peças de entre as que considero mais interessantes de Alejandro Yagüe: **Seis Canciones de Anochecer**. Baseada em seis belíssimos e subtis poemas de Federico García Lorca, esta suite está escrita para coro a 12 vozes, não repartidas em três coros como é habitual em Yagüe, mas como um bloco único com um tratamento contínuo numa complexa rede de densidades. Traz também elementos menos costumeiros na sua linguagem, como a indeterminação ou o uso de pequenos efeitos especiais a partir do texto. Embora nenhum destes recursos fosse novidade em 2003, quando Yagüe compôs a obra, o seu estilo refinado e pessoal converte-os numa proposta tremendamente eficaz. E a forma como cria (ou, melhor, recria) cada ambiente mostra um grande domínio e a sua apurada sensibilidade para a compreensão dos poemas. Devemos ainda destacar o sábio equilíbrio que alcança ao utilizar, para a quinta peça, um formato subitamente simples, quase infantil, que soaria trivial se não estivesse tão bem encaixado na complexa partitura da restante suite. A simplicidade torna-se assim magia, sem necessidade de artificios.

Coloco esta obra junto de uma do compositor António Pinho Vargas, **De Profundis**, que partilha com a anterior o uso de texturas densificadas através de numerosos *divisi* e um cuidado tratamento dos pequenos detalhes.

Há outro elemento crucial quando falamos de Alejandro Yagüe: a sua admiração (que partilha profundamente) por outro burgalês injustamente esquecido, Antonio José. Considerado como provavelmente o mais importante compositor espanhol da sua geração (pelo próprio Ravel, diga-se), foi tragicamente assassinado em 1936, no início da Guerra Civil, devido às suas ideias políticas, quando iniciava ainda a sua vida musical. O seu corpo repousa num lugar não identificado do campo que rodeia a povoação de Estépar, onde foi fuzilado. Alejandro não só foi um estudioso e admirador de Antonio José, como foi quem recebeu, na juventude, a incumbência e a honra de completar a orquestração da sua excelente ópera *El mozo de mulas*. Daí que, em 2002, na celebração do centenário do nascimento do compositor, tenha escrito a peça **Estépar** em jeito de *in memoriam*. Fiel ao seu estilo de sobreposição de camadas, integra esta obra no já mencionado conjunto de *Cantus Firmus* — por um lado, novamente, devido à divisão em três coros que cria uma textura complexa e rica; por outro, pela elaboração a partir de motivos pré-existentes.

Do monumental cancionero de folclore burgalês publicada por Federico Olmeda em 1902, que também admirava, Alejandro Yagüe retirou quatro fragmentos melódicos cujos textos ganham um novo sentido ao se unirem, para falar da dor, do luto e da paixão de Cristo, e de estar entre as flores (como o corpo de Antonio José), juntando-se uma bela melodia que aparece quase como um hino nos últimos compassos, de boca fechada — correspondente a um *Salve* que não só fazia parte das recolhas de

Vasco Negreiros

OEIRAS, 1965

Caritas abundat

(a Sancta Teresia Abulensis)

Desafiando as barreiras do tempo, resolvi convidar Hildegard von Bingen para o aniversário de Santa Teresa de Ávila. Pareceu-me bem juntar estas duas mulheres, monjas e poetisas, ambas tão importantes na história da igreja cristã e da poesia mística, de uma forma geral. No dia em que recebi o convite para escrever esta peça havia lido um longo artigo sobre a luta para ajudar as vítimas do vírus da Ébola, evitando o seu alastramento. Fiquei impressionado com o esforço de médicos e voluntários, dentre os quais religiosos — como Hildegard e Teresa —, correndo enormes riscos numa entrega imbuída da mais profunda caridade.

Todos os dias ouvimos notícias más e gente a queixar-se. O poema de Hildegard von Bingen lembra-nos as melhores qualidades do ser humano e a transcendência que podem alcançar. Desejo com esta obra contribuir para uma bela festa de aniversário pelos 500 anos de Santa Teresa!

VASCO NEGREIROS

Olmeda, como era especialmente querido para Alejandro, por lhe lembrar a voz da sua mãe. Sobrepeõe estes elementos de formas originais e fragmentárias, e só em alguns momentos deixa desenvolver-se alguma das ideias de modo completo, com base em tensões harmónicas. Assim, a aparição final da citada *Salve*, dentre os pequenos vestígios que restam dos temas anteriores, resulta de uma emotividade extremamente delicada e sensível.

Utilizamos aqui as frescas e originais harmonizações de Sérgio Azevedo sobre **Canções Regionais Portuguesas** como transição desde a emotiva peça anterior, baseada no folclore burgalês, para a última obra do programa — o quinto número de outro grande conjunto que foi alimentando durante toda a sua vida: as **Spanish Folk Songs**. Composta em 1999, também aqui o ponto de partida é o folclore de Burgos, usando nada menos do que oito diferentes fragmentos, novamente, do *Cancionero de Olmeda*. Em jeito de tríptico, combina canções de casamento com outras que falam da chegada do São João e, com ele, do bom tempo. O estilo casual, simples e vital destas melodias (com os seus ritmos por vezes irregulares e próximos do *zortiziko* basco, geograficamente tão próximo) é perfeitamente respeitado pelo autor, trazendo um término luminoso a esta pequena panorâmica por algumas das mais de 60 peças corais de Alejandro Yagüe — que convidou todos a conhecer e, se também cantam, a desfrutar num coro.

NACHO RODRÍGUEZ, 2024

António Pinho Vargas

VILA NOVA DE GAIA, 1951

De Profundis

Depois de *Judas (secundum Lucam, Johannem, Matthaem et Marcum)* (2002), *Requiem* (2012) e *Magnificat* (2013), todas para coro e orquestra, e não considerando as duas primeiras óperas que incluem coro — *Édipo, tragédia de saber* (1996) e *Os Dias Levantados* (1998-2002) —, *De Profundis* foi a quarta obra que escrevi para coro, em 2014-15. Mas foi a primeira (e única) com texto sacro para coro *a cappella*. Foi composta por pedido/sugestão de Paulo Lourenço, maestro do Coro Gulbenkian com quem tinha trabalhado pouco antes no *Requiem* e no *Magnificat*, e meu colega na ESML.

Talvez por essa razão (*a cappella*), a minha opção face ao tratamento do texto foi diversa das obras anteriores. Em lugar de uma interpretação próxima do significado do texto sacro, neste caso tendo naturalmente em conta o seu significado, dei a primazia de uma forma mais particular às palavras e à sua divisão silábica de *per se*. Foi este procedimento que permitiu dividir o todo em secções, várias vezes contrastantes e muitas vezes decorrentes da minha interpretação rítmica das suas primeiras palavras assim tornadas marcantes, decisivas, no carácter de cada linha do texto, da minha leitura dele.

Este *De Profundis* tem nove números. As primeiras palavras foram sempre lidas por mim detectando nelas um *ritmo* determinado, uma velocidade de certo modo *inerente* ao texto, e essa leitura fundamentalmente situou-se entre dois extremos: o da *rapidez* e o da *lentidão*.

Será legítima uma tal abordagem? Não tenho dúvidas apenas por uma razão. São

textos sacros que, ao longo dos mil anos da tradição musical erudita (escrita) europeia, se foram enriquecendo com numerosos e ilustres antecedentes históricos; verifica-se nesse antecedentes — à nossa disposição hoje em virtude da existência da gravação desde *grosso modo* 1900 — uma grande diversidade de acordo com as várias ‘*common practices*’ de cada época, cabendo-me portanto encontrar a minha própria maneira de compor o meu *De Profundis* na constelação espaço-temporal que me calhou em sorte ocupar. Tentando produzir uma forma específica de “dizer” o texto e consequentemente de “dizer” a obra. Não obstante, a obra só adquire o seu sentido pleno no seu todo por misteriosas razões que parcialmente me escapam.

ANTÓNIO PINHO VARGAS, 2016/2024

Sérgio Azevedo

COIMBRA, 1968

Cinco Canções Regionais Portuguesas

Escrevi estas cinco harmonizações em 1997, para o Coro Ricercare, que as estreou e gravou em CD. Foram a minha primeira incursão na harmonização coral, tendo desde essa altura realizado bastantes mais harmonizações, não só de melodias portuguesas, como de muitos outros países. Não são de execução muito fácil devido a diversas técnicas que, por vezes, dificultam a entoação, como as segundas menores paralelas na canção n.º 4, reminiscentes dos motetes dissonantes de Montpellier (ca. 1300), ou o cânone quase “heterofónico” com que termina a canção n.º 5.

SÉRGIO AZEVEDO

Alejandro Yagüe

Utrum Sidera

Utrum sidera animam habeant

[...]

*gyrans gyrando vadit spiritus,
et in circulos suos revertitur,*

[...]

*et quod animal sit, et spiret,
et vigeat, et annuos orbis suos
cursu expleat..*

[...]

*si corpora stellarum animas habent,
quaerendum quid futurae
sint in resurrectione.*

— Santo Isidoro de Sevilha (c.560-636),
in *De natura rerum*, cap. XXVII

Se os astros têm alma

[...]

o espírito girante avança às voltas,
e regressa aos seus círculos,

[...]

e que é um ser vivo, respira,
é vigoroso e completa as suas órbitas anuais
com o seu curso.

[...]

se os corpos das estrelas têm almas,
temos de perguntar
o que irão ser na ressurreição.

Vasco Negreiros

Caritas abundat

*Caritas abundat in omnia,
de imis excelentíssima super sidera,
atque amantíssima in omnia,
quia summo Regi
osculum pacis dedit.*

— Hildegard von Bingen (1098-1179)

Em tudo transborda a caridade (o amor),
notável, desde os abismos aos céus mais altos,
é ainda o mais amável dos bens,
ao Rei supremo
deu o beijo da paz.

Alejandro Yagüe

Seis Canciones de Anochecer

1. Horizonte

*Sobre la verde bruma
se cae un sol sin rayos.*

*La ribera sombría
sueña al par que la barca
y la esquila inevitable
traba la melancolía.*

*En mi alma de ayer
suena un tamborcillo
de plata*

Sobre a verde bruma
cai um sol sem raios.

A ribeira sombría
sonha junto com o barco
e o inevitável chocalho
prende a melancolia.

Na minha alma de ontem
soa um tamborzinho
de prata

2. Pescadores

*El árbol gigantesco
pesca con sus lianas
topos raros de la tierra.*

*El sauce sobre el remanso
se pesca sus ruisseños
... pero en el anzuelo verde
del ciprés la blanca luna
no morderá ni
tu corazón al mío,
morenita de Granada.*

A árvore gigantesca
pesca com as suas lianas
raras toupeiras da terra.

O salgueiro sobre o remanso
pesca os seus rouxinóis
... mas no anzol verde
do cipreste a branca lua
não morderá, nem
o teu coração ao meu,
morena de Granada.

3. Solitario

*Sobre el pianísimo
del oro,
mi chopo
solo.*

*Sin un pájaro
amónico.*

*Sobre el pianísimo
del oro.*

*El río a sus pies
corre grave y hondo,
bajo el pianísimo
del oro.*

*Y yo con la tarde
sobre mis hombros
como un corderito
muerto por el lobo
bajo el pianísimo
del oro.*

4. Delirio

*Disuelta la tarde
y en silencio el campo.*

*Los abejarucos
vuelan suspirando.*

*Los fondos deliran
azules y blancos.*

*El paisaje tiene
abiertos sus brazos.*

Sobre o pianíssimo
do ouro,
o meu choupo
só.

Sem um pássaro
harmónico.

Sobre o pianíssimo
do ouro.

O rio a seus pés,
corre grave e profundo,
sob o pianíssimo
do ouro.

E eu com a tarde
sobre os meus ombros
como um cordeirinho
morto pelo lobo
sob o pianíssimo do ouro.

Dissolvida a tarde
e em silêncio o campo.

Os abelharucos
voam suspirando.

Os fundos deliram
azuis e brancos.

A paisagem tem
os seus braços abertos.

5. Memento

La luna ya se ha muerto (do-re-mi)
la vamos a enterrar (do-re-fa)
en una rosa blanca (do-re-mi)
con tallo de cristal (do-re-fa).
Bajó hasta la chopera (do-re-mi)
se enredó en el zarzal (do-re-fa).
¡Me alegro porque era (do-re-mi)
presumida de más! (do-re-fa).
No hubo para ella nunca (do-re-mi)
marido ni galán (do-re-fa).
¡Cómo se pondrá el cielo! (do-re-mi)
¡Ay cómo se pondrá (do-re-fa)
cuando llegue la noche (do-re-mi)
y no la vea en el mar! (do-re-fa).

¡Acudid al entierro! (do-re-mi)
cantando el pío pa (do-re-fa)
Se ha muerto la Mambruna (do-re-mi)
de la cara estelar (do-re-fa)
Campanas de las torres (do-re-mi)
doblar que te doblar! (do-re-fa).
Culebras de las fuentes (do-re-mi)
¡cantar que te cantar! (do-re-fa).

6. Última Luz

En la confusión
azul
una hoguera lejana
(lanzada con el corazón
del monte).
Los pájaros juegan
al viento entre los chopos
y se ahondan
los cauces.

A lua já morreu (dó-ré-mi)
vamos enterrá-la (dó-ré-fá)
numa rosa branca (dó-ré-mi)
com caule de cristal (dó-ré-fá).
Desceu ao choupal (dó-ré-mi)
enredou-se no silvado (dó-ré-fá).
Ainda bem porque era (dó-ré-mi)
vaidosa de mais! (dó-ré-fá).
A ela nunca lhe apareceu (dó-ré-mi)
marido nem pretendente (dó-ré-fá).
Como ficará o céu! (dó-ré-mi)
Ai, como ficará (dó-ré-fá)
quando chegar a noite (dó-ré-mi)
e não a vir no mar! (dó-ré-fá).

Venham ao enterro (dó-ré-mi)
cantando o pio-pá! (dó-ré-fá)
Morreu a Mambruna (dó-ré-mi)
de cara estelar (dó-ré-fá)
Sinos das torres (dó-ré-mi)
dobrar e redobrar! (dó-ré-fá).
Serpentes das fontes (dó-ré-mi)
cantar e cantar! (dó-ré-fá).

Na confusão
azul
uma fogueira longínqua
(lançada com o coração
do monte).
Os pássaros brincam
ao vento entre os choupos
e afundam-se
os leitos.

— Federico García Lorca (1898-1936)

António Pinho Vargas

De Profundis

[1] *De profundis clamavi ad te, Domine;*

[2] *Domine exaudi vocem meam. Fiant aures tuae intendentes in vocem deprecationis meae.*

[3] *Si iniquitates observaveris, Domine, Domine, quis sustinebit?*

[4] *Quia apud te propitiatio est, et propter legem tuam, sustinui te, Domine.*

[5] *Sustinuit anima mea in verbo ejus.*

[6] *Speravit anima mea in Domino.*

[7] *A custodia matutina usque ad noctem, speret Israel in Domino.*

[8] *Quia apud Dominum misericordia, et copiosa apud eum redemptio.*

[9] *Et ipse redimet Israel ex omnibus iniquitatibus ejus.*

— Salmo 130

Alejandro Yagüe

Estépar (Cantus Firmus n.º 7)

*Sal al campo y me verás,
y entre las flores metida...*

[...]

Ya se han cubierto de luto.

También nuestro corazón.

A María las entrañas se la parten de dolor.

[...]

*Es la pasión de Jesús un reloj de gracia y vida,
reloj y despertador que a llorar
siempre convida.*

[...]

Salve, Dolorosa.

Do fundo do meu desespero clamo a ti, Senhor!

Senhor, ouve a minha prece! Presta atenção à voz da minha súplica!

Senhor, se levasse em conta os nossos pecados, quem escaparia à condenação?

Mas em ti encontramos perdão, de modo que todos te devem respeitar.

Com toda a minha alma confio na sua palavra.

A minha alma espera pelo Senhor,

Mais do que a sentinela pelo romper da aurora, Israel, espera no Senhor.

Porque o Senhor nos tem amor e nos livra de muitos perigos.

Ele livrará Israel de todos os seus pecados.

Vai para o campo e ver-me-ás,
metida por entre as flores...

[...]

Já se cobriram de luto.

Também o nosso coração.

As entranhas de Maria partem-se de dor.

[...]

A paixão de Jesus é um relógio de graça e vida,
relógio e despertador que a chorar
sempre convida.

[...]

Salvé, Dolorosa.

— a partir do *Cancioneiro de Olmeda*

Sérgio Azevedo

Cinco Canções Regionais Portuguesas

1. Chamarrita (Açores)

Chama Rita, chama Rosa,
venham ambas à janela,
ver uma cara formosa,
duma tão linda donzela.

Chama Rita, chama Rosa,
venham ambas ao portão,
ver um moço tão bonito,
ver um cravo em botão.

Chama Rita, chama Rosa,
venham ambas à janela,
ver uma cara formosa,
duma tão linda donzela.

Chama Rita, chama Rosa,
venham ambas ao portão,
ver um moço tão bonito,
ver um cravo em botão.

2. Tirana (Pico)

Ó bela Tirana, ó bela Tirana,
já lá vai pelo mar fora
o meu amor de algum tempo.

Ó bela Tirana, ó meu pensamento,
vai-se embora e eu fico,
Tirana do sentimento.

Ai de algum tempo, ai de algum tempo,
vai-se embora e eu fico,
mas leva meu pensamento.

3. Eu venho da macelada (Beira Baixa)

Eu venho da macelada, venho de colher macela,
lá dos campos do Castelo, daquela mais amarela!
Venho da macelada! Venho da macelada!
Ai lai rai...

Eu venho da macelada, venho de colher um cravo,
lá dos campos do Castelo, para dar ao namorado!
Venho da macelada! Venho da macelada!
Ai lai rai...

Eu venho da macelada, venho de colher 'ma flor,
lá dos campos do Castelo, para dar ao meu amor!
Venho da macelada! Venho da macelada!
Ai lai rai...

4. Tascadeiras do meu linho (Vila Viçosa)

Tascadeiras do meu linho,
tascai-mo meu linho bem,
Ora val' tum-tum, tum-tum, va-le, val'!
Tascai-me o meu linho bem,
não olheis para o portelo
que a m'rendinha logo vem.
Ora val' tum-tum, tum-tum, va-le, val'!
Qu'a m'rendinha logo vem.

5. Na haste do castanheiro (?)

Na haste do castanheiro,
eu vi arrear a lua.
As moças desta fogueira,
andam a brilhar na rua.

Na haste do castanheiro,
A lua eu vi arrear,
As moças desta fogueira,
andam todas a bailar.

Na haste do castanheiro,
eu vi arrear a lua.

Alejandro Yagüe

Spanish Folk Songs n.º 5

1. Esta noche

*Ya viene San Juan,
San Juan de junio.
Esta noche contratada,
mañana serás casada,
te echarán por la cabeza
y una colonia “blancada”.
Ya viene San Juan,
San Juan de junio.*

Já vem o São João
São João de junho.
Esta noite prometida,
amanhã estarás casada,
vão verter-te na cabeça
um perfume “branqueado”.
Já vem o São João
São João de junho.

2. A tu puerta

*A tu puerta hemos llegado
y canto la bienvenida,
y después mis compañeros
te echarán la despedida,
Yo estoy ronca, ¡Ay!,
ronca, tengo ronquera,
y el agua de tu pozo
sabe a la arena.*

¡Ay! Salada, la pluma de la pava verde.

*A tu puerta hemos llegado
y canto la bienvenida,
me figuro que es tu mano
quien la cortinilla mueve,
porque tus ojos me buscan
y tu corazón me quiere,
quien la cortinilla mueve,
y después mis compañeros
te echarán la despedida.*

À tua porta chegámos
e canto as boas-vindas,
e depois os meus companheiros
te farão a despedida.
Estou rouca, ai!,
rouca, tenho rouqueira,
e a água do teu poço
sabe a areia.

Ai! Salgada, a pena da perua verde.

À tua porta chegámos
e canto as boas-vindas
imagino que seja a tua mão
que faz mexer a cortina,
porque os teus olhos procuram-me
e o teu coração quer-me,
que faz mexer a cortina,
e depois os meus companheiros
te farão a despedida.

3. Ya viene San Juan

*Ya viene San Juan de junio
con muchas rosas y flores.*

*Ya viene Santa Isabel
con muchas más y mejores.*

*A los “sales” casadita,
quiera Dios salgas en gracia,
sea “pa” servir a Dios muchos años en tu casa.*

*Para San Juan son las rosas,
para San Pedro los ramos,
“pa” el bendito San Antonio,
los claveles encarnados.*

*Si no lo tienen a bien que a la novia la cantemos,
despiádanos con agrado
que nosotros nos iremos.*

*Aí vem São João de junho
com muitas rosas e flores.*

*Aí vem Santa Isabel
com muitas mais e melhores.*

*Aos esposais, casadinha,
queira Deus que sejas pura,
e sirvas a Deus muitos anos na tua casa.*

*Para São João são as rosas,
para São Pedro os ramos,
para o bendito Santo António,
os cravos encarnados.*

*Se não levam a bem que à noiva cantemos,
despeçam-nos com simpatia
que nós iremos embora.*

— a partir do *Cancioneiro de Olmeda*

Traduções: Isabel Correia de Castro (poemas musicados por Yagüe); Ana Ferreira (*Utrum sidera*); a *BÍBLIA para todos*, Tradução Interconfessional. Copyright © 1993, 2009 Sociedade Bíblica de Portugal (*De Profundis*); e Fernando Pires de Lima (notas ao programa).

Nacho Rodríguez direção musical

Com formação e interesses vastos, o maestro Nacho Rodríguez começou os estudos de piano em Gijón, a sua cidade natal. Posteriormente estudou canto, cravo e órgão em Salamanca, começando paralelamente a aprofundar os conhecimentos de direção, a sua principal atividade, bem como de práticas históricas de interpretação — área pela qual é especialmente apaixonado, juntamente com a música contemporânea.

Dirige o ensemble Los Afectos Diversos, com o qual se apresenta em concerto, recuperando peças do património internacional — de Vásquez a Guerrero ou Victoria, de Pierre de la Rue a Monteverdi ou Heinrich Schütz —, sem esquecer J. S. Bach e o interesse pela música ibérica do século XVII. Este trabalho já lhe valeu diversos prémios. Dos registos discográficos, destaca-se *Si no os hubiera mirado*, uma homenagem à figura de Juan Vásquez com uma visão única da sua obra baseada em transcrições próprias.

É regularmente convidado para dirigir grupos corais, *consorts* instrumentais, formações sinfónicas e corais-sinfónicas em toda a Espanha, na Europa e na América Central, interpretando repertório desde a polifonia renascentista até compositores contemporâneos, passando por obras clássicas e românticas, e ainda produções de ópera. Combina a sua atividade artística com o ensino — é professor na Escola Superior de Canto de Madrid. Orienta *workshops* de direção coral e de interpretação de polifonia ibérica. É requisitado para integrar júris de concursos de música antiga e de coros, dentro e fora da Península Ibérica.

Interessado especialmente nas fontes originais para a construção de interpretações coerentes, dedica-se também à transcrição

musical. As suas próximas publicações são centradas em obras de Juan Vásquez (uma revisão da *Recopilación de Sonetos y Villancicos a quatro y a cinco*) e de Barbara Strozzi (*Il Primo Libro de' Madrigali*).

É também convidado para se apresentar como cantor de polifonia, intérprete de baixo contínuo e produtor de gravações discográficas.

Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito

Pedro Teixeira maestro adjunto

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música é constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido também dirigido por outros maestros prestigiados no âmbito da música coral, como Martina Batič, Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood, além do seu maestro adjunto Pedro Teixeira. As suas participações em programas corais-sinfónicos levam-no a trabalhar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro revelam um repertório abrangente que se estende dos primórdios da polifonia medieval à nova música.

Apresentou em estreia mundial obras de Francesco Filidei, Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Fez estreias nacionais de obras contemporâneas de Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina, Ligeti, Distler, Kagel ou Cage.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de João Domingos Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira — a que se junta, em 2024, o *Libera me* de Bomtempo. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, foi editado pela Naxos em junho de 2024.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal* e *Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *Gloria* de Vivaldi, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Requiem* e *Missa em Dó menor* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi, *Credo* de Arvo Pärt, *Das klagende Lied* de Mahler, *Carmina Burana* de Orff e *Elektra* de Richard Strauss.

Na temporada de 2024, o Coro estreou uma nova obra para coro e orquestra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner. Apresenta também obras de António Pinho Vargas, Sérgio Azevedo e Vasco Negreiros, num ano dedicado a Portugal que

justifica regressos à música coral de Lopes-Graça e à polifonia renascentista.

As digressões do Coro Casa da Música já o levaram ao Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e ao Auditório Nacional de Madrid, ao Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, ao Festival Handel de Londres, ao Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, ao Festival Tenso Days em Marselha, aos Concertos de Natal de Ourense e a várias salas portuguesas.

Sopranos

Ângela Alves
Eva Braga Simões
Joana Pereira
Leonor Barbosa de Melo
Rita Venda

Contraltos

Ana Calheiros
Brígida Silva
Joana Guimarães
Maria João Gomes

Tenores

Bernardo Pinhal
Gabriel Neves dos Santos
Gonçalo Limpo Faria
Vitor Sousa

Baixos

Francisco Reis
Nuno Mendes
Pedro Guedes Marques
Pedro Lopes
Ricardo Torres

Maestrina correpetidora

Clara Alcobia Coelho

Operação Técnica

Bruno Mendes (iluminação)
André Silva (palco)
Rui Brito (palco)

Próximos concertos

15.10 TERÇA 21:00 SALA SUGGIA

Martina Filjak

ciclo piano

Obras de **G. F. Händel, J. S. Bach, F. Liszt e Liszt/Donizetti**

15.10 TERÇA 21:00 SALA 2

Future Rocks

serviço educativo | os nossos concertos

16.10 QUARTA 19:30 SALA 2

Duo XL

outono em jazz

17.10 QUINTA 19:00 CAFÉ

“A diversidade do jazz na Europa”

conferência | outono em jazz

17.10 QUINTA 21:00 SALA SUGGIA

Carlos Martins – Vagar

Nicola Conte

outono em jazz

17.10 QUINTA 23:45 SALA 2

Entangled Grounds. The Sounds of XJAZZ! Berlin – À base e Sera Kalo

outono em jazz

18.10 SEXTA 21:00 SALA SUGGIA

Ravel em concerto

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

Martina Filjak piano

Obras de **Maurice Ravel**

18.10 SEXTA 22:30 SALA 2

Eduardo Cardinho – Not Far From Paradise

Flat Earth Society

outono em jazz

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

